

Universidade de Taubaté
Curso de História

Sávio de Lima

A Rizicultura na Região das Várzeas
O Arroz como Protagonista na Economia do Vale do Paraíba

Taubaté 2020

Universidade de Taubaté

Sávio de Lima

**A Rizicultura na Região das Várzeas
O Arroz como Protagonista na Economia do Vale do
Paraíba**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade de Taubaté, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura, orientado pelo Prof. Dr. Isnard Albuquerque Câmara Neto.

Taubaté SP 2020

**A RIZICULTURA NA REGIÃO DAS VÁRZEAS
O ARROZ COMO PROTAGONISTA NA ECONOMIA DO VALE DO PARAÍBA**

Sávio de Lima

Monografia defendida em 13 de novembro de 2020, pela banca examinadora:

Professor Doutor Isnard de Albuquerque Câmara Neto
Orientador

Professora Doutora Rachel Duarte Abdala
Membro

Professor Mestre Armindo Boll
Membro

Agradeço primeiramente a Deus, aos meus pais, avós e professores.

Dedico este trabalho meus pais Márcia Regina Brito de Lima e Fábio de Lima, por me apoiarem e auxiliarem na minha vida profissional; aos meus avós Marina dos Santos e Celso de Lima, pelo incentivo ao longo tempo em que estive no Curso de História, e aos professores que me muito auxiliaram no decorrer desta trajetória.

“O arrozal lindo por cima do mundo no miolo da luz.”

João Guimarães Rosa

RESUMO

O estudo histórico da economia brasileira, desde o início de sua colonização, consolidou-se sempre como um país de base agrária, embora mesmo o período conhecido como ciclo do ouro, séc. XVIII, não conseguiu por fim nessa característica da economia do Brasil. Posteriormente ao período mencionado, a economia agrária retorna ao seu lugar de destaque, e dentro deste contexto o desenvolvimento da economia no Vale do Paraíba percorreu por diferentes fases, sem perder sua essência, mesmo que, com a chegada da industrialização e a globalização econômica, o empreendedorismo de determinados produtores manteve-se na agricultura, como um fator intrínseco para o desenvolvimento econômico do Vale do Paraíba.

Palavras-chave: Economia, Agricultura, Vale do Paraíba

ABSTRACT

The historical study of the Brazilian economy, since the beginning of its colonization, has always consolidated itself as an agrarian-based country, although even the period known as the gold cycle, century. XVIII did not succeed in ending this characteristic of the economy of Brazil. After the mentioned period, the agrarian economy returns to its prominent place, and within this context the development of the economy in the Paraíba Valley went through different phases, without losing its essence, even if, with the arrival of industrialization and economic globalization, the entrepreneurship of certain producers remained in agriculture, as an intrinsic factor for the economic development of Vale do Paraíba.

Keywords: Economy, Agriculture, Vale do Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. HISTÓRIA DA AGRICULTURA NO VALE DO PARAÍBA	10
1.1 Localização Geográfica do Vale do Paraíba.....	10
1.2 Agricultura no Período Colonial	10
1.3 Desenvolvimento da Cafeicultura	13
2. REGIÃO DAS VÁRZEAS DO RIO PARAÍBA DO SUL	18
2.1 GEOGRAFIAS, HISTÓRIA E ECONOMIA DO RIO PARAÍBA DO SUL.	18
2.2 HISTÓRIAS SOBRE A OCUPAÇÃO TERRITORIAL DA VÁRZEA	20
3. RIZICULTURA NO VALE DO PARAÍBA	22
3.1 EFETIVAÇÕES DA RIZICULTURA NO VALE DO PARAÍBA	22
3.2 A PRODUÇÃO DE ARROZ NA FAZENDA MARIOTTO (QUIRIRIM).....	24
CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

INTRODUÇÃO

As características históricas da economia do Vale do Paraíba são basicamente as mesmas da história econômica do Brasil, quais sejam, uma economia direcionada exclusivamente à agricultura.

Ao decorrer de seu desenvolvimento, outras culturas foram introduzidas na região, e cada uma teve sua implantação e importância determinadas pelos acontecimentos e pelas necessidades de cada período. Entre elas destaca-se a rizicultura, que tinha como objetivo equilibrar a economia do Vale do Paraíba após o declínio da cultura cafeeira.

Se pretendemos analisar o crescimento da rizicultura, será necessário um estudo sobre o processo do desenvolvimento agrícola na região vale paraibana. Neste objetivo, portanto, escolhemos desenvolver a monografia em três capítulos, conforme descrito abaixo.

No primeiro será realizada uma incursão sobre a trajetória histórica da agricultura na região do Vale do Paraíba, iniciando-se pela localização geográfica e, em seguida, partindo-se para as características da agricultura no período colonial; encerra-se com uma abordagem sobre como desenvolvida a produção cafeeira.

O segundo trata da ocupação da várzea do Rio Paraíba do Sul, bem como os aspectos geográficos e históricos do referido rio.

No terceiro, será realizada uma análise sobre a rizicultura em Quiririm e a produção da fazenda Mariotto.

O tema da monografia surgiu do interesse em pesquisar economia agrícola da região do Vale Paraíba e sua importância para o mercado nacional, apontando os aspectos econômicos relevantes na região valeparaibana.

Dessa forma, o enfoque da pesquisa foi voltado para a rizicultura valeparaibana, como um meio de substituição do café após sua queda.

O objetivo foi identificar as causas que levaram às transformações no modo de produção agrícola e as consequências destas transformações.

Após a delimitação do tema, foi realizada uma abordagem analítica sintética de obras e artigos que tratavam do tema.

A estrutura do trabalho foi antes de tratar sobre o tema escolhido, era necessário dissertar sobre os antecedentes econômicos na região para se entender como a cultura do arroz ganhou relevância no Vale do Paraíba, passando pelo açúcar, café e chegando no arroz. Desta forma, iniciou-se uma análise sobre a trajetória histórica da agricultura no Vale do Paraíba.

Em seguida, foi abordado sobre o processo histórico da ocupação da várzea, em especial a região conhecida como Quiririm, e como o trabalho dos imigrantes fora fundamental para a implantação de novos manejos para a produção do arroz.

E para concluir, a última parte do trabalho foi focado em como a rizicultura ganhou destaque no local, e citando o exemplo das Fazendas Mariotto, uma das responsáveis por garantir o destaque do arroz. .

Para finalizar, foi estabelecido as referências bibliográficas, e posteriormente uma análise a respeito das normas estabelecidas pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

1. HISTÓRIA DA AGRICULTURA NO VALE DO PARAÍBA

1.1. Localização Geográfica do Vale do Paraíba

O Vale do Paraíba localiza-se na região sudeste do Brasil, entre as serras do Mar e da Mantiqueira, nas regiões que compreendem a união geográfica dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A região do Vale do Paraíba é banhada pelo Rio Paraíba do Sul, que a batiza com o seu nome. A bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul se estende pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, em uma área de aproximadamente 57.000 m².

A bacia se concentra em grande parte do leste do Estado de São Paulo, uma área de 13.600 km² (denominado de Vale do Paraíba Paulista), que abrange mais da metade do Estado do Rio de Janeiro, 22.230 km², e o sudoeste de Minas Gerais, região também denominada de “Zona da Mata”, uma área de 21.090 km².¹

O Vale do Paraíba consiste em uma parte considerada do Planalto Atlântico, na qual seu relevo é caracterizado por uma depressão extensa de origem tectônica que se encontra paralela aos maciços montanhosos da Serra do Mar e da Mantiqueira.

A inclinação do terreno é variada, sendo dividido em Alto Vale do Paraíba, região serrana que compreende os municípios de Cunha, Lagoinha, São Luiz do Paraitinga, Redenção da Serra, Natividade da Serra, Paraibuna, Jambeiro e Santa Branca, e como é dotada de maior altitude, por via de consequência possui maior declividade; Médio Vale do Paraíba, que agrupa os municípios de Guararema, Jacareí, Santa Isabel, Igaratá, São José dos Campos, Monteiro Lobato, Caçapava, Taubaté, Tremembé, Pindamonhangaba, Roseira, Aparecida, Guaratinguetá e Lorena, possuiu um relevo quase plano, com pequena declividade, e com amplo corredor se encontra a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar.

1.2. Agricultura no Período Colonial

A expansão econômica em território brasileiro se deu conseqüentemente pelo aumento do comércio interno europeu a partir do séc. XI, que obteve seu ápice no séc. XV. Em verdade, o solo americano apresentava-se como outra possibilidade de comércio com Oriente, pois tinha como obstáculo as invasões turcas.

¹ PRADO J. B. & ABREU, M. M de Aspectos Geográficos do Vale do Paraíba e Município de Taubaté. Nº 14 Taubateana, Prefeitura Municipal de Taubaté. 1995. p. 13

Devido a essa circunstância, Portugal teve de encontrar uma nova opção econômica nas terras brasileiras, que não fosse a extração de metais preciosos, pois havia uma necessidade de cobrir os gastos com a defesa dessas terras.

Inúmeras providências econômicas foram adotadas para a exploração do solo brasileiro, o objetivo era manter de forma definitiva o fluxo de bens destinados ao mercado europeu.

Desse modo, a economia brasileira desde a época da colonização, teve como sustentação a exportação de produtos agrícolas. Que só irá se alterar no fim do séc. XIX e início do séc. XX, com o crescimento da industrialização.

Segundo Nice Lecoq Muller (1969)², a conjunção de três fatores motivou a expansão colonizadora portuguesa pelos Vales do Rio Tietê e Paraíba (que até o início do séc. XVII, limitava-se ao litoral e ao Planalto do Paraitinga):

- A busca por jazidas minerais e, como substituto, a captura indígena;
- A política metropolitana, que promovia a ocupação por meio das sesmarias
- O desejo intenso de manter ligações com o litoral Norte, que neste aspecto, o Vale do Paraíba possuía destaque.

Ainda segundo Muller, outro fator que também influenciou a colonização para o Vale do Paraíba Paulista foi a pobreza vivida pelos paulistas, que necessitavam de recursos financeiros e de mão-de-obra escrava negra para o trabalho na lavoura:

“Os paulistas isolados no planalto, sem meios de comunicação com o porto de São Vicente, vão buscar no sertão a sua sobrevivência econômica. Os engenhos de açúcar do litoral necessitavam de braços para as lavouras de açúcar e os paulistas iniciaram o grande ciclo de caça ao índio, embrenhando-se pelos sertões do Rio Paraíba, atacando e aprisionando os índios.” (PASIN,1977: p.12)

A economia na colônia se caracterizou por três fases diferentes: o pequeno ciclo da cana-de-açúcar, a economia de subsistência e o abastecimento das minas.

Inicialmente, a região do Vale do Paraíba compunha as rotas e os caminhos que os bandeirantes faziam para realizarem suas expedições, tanto de apresamento ao indígena quanto de busca ao ouro.³ Na obra *Vale do Paraíba: Velhas Fazendas*, de Sérgio Buarque de Holanda⁴, o autor apresenta alguns trechos que afirmam a pluricultura em Taubaté:

² MULLER, N. L. **O fato urbano na bacia do Rio Paraíba, Estado de São Paulo**. Rio de Janeiro: IBGE. 1969.

³ CENTRO DE RECURSOS EDUCACIONAIS – OBJETIVO. **Cadernos Culturais do Vale do Paraíba. Lorena nos séculos XVII e XVIII**. [S.l.] Editora Fundação Nacional do Tropeirismo. 1988. P.47

⁴ HOLLANDA, S. B. **Vale do Paraíba: Velhas Fazendas**. São Paulo. Ed. José Olympio, 1975, p. 54

“Em Taubaté observaram a bondade das esteiras de palha lá fabricadas e que tinham aceitação até na Corte, e da lavoura, sem especificar qual fosse salvo onde falasse nas uvas de boa qualidade que medravam naquela latitude ainda tropical”. (HOLLANDA. 1975, p. 54)

A economia de subsistência era resumida basicamente nas atividades da agropecuária e do artesanato, e foi durante essa primeira fase que se iniciou a expansão humana pelo Vale do Paraíba. Com o povoamento em crescimento na região, veio também a implantação das fazendas de cultivo e de criação, onde os produtos mais cultivados eram denominados de “Produtos da Terra”, isto é, os gêneros alimentícios que derivavam da cultura indígena tais como milho, mandioca, batata-doce, feijão, abóbora, cará e o inhame, além do algodão e do tabaco. Portugueses, por sua vez, produziam outros alimentos como arroz, trigo, uva e cana-de-açúcar.

“Taubaté torna-se o centro irradiador de povoamento dos sertões valeparaibanos, cujas terras férteis, aguados e clima, favoreceram e estimularam os sertanistas e povoadores a abrirem suas fazendas e roças, cultivando milho, mandioca, cana-de-açúcar, trigo, arroz, algodão, iniciando a criação de gado vacum e de porcos.” (PASIN, 1977: p. 26)

Durante este período as atividades agrícolas eram limitadas exclusivamente para o consumo interno e de subsistência. Não existia o comércio regional, e o pouco de comércio que havia na região era de dava por meio do escambo, e em pequenas quantidades.

A mão-de-obra escrava era indígena. Trabalhavam nas lavouras e na pecuária e também passam a conjugar a agropecuária com a atividade mineradora na região do atual estado de Minas Gerais.

De acordo com Abreu Prado (1995)⁵, O Vale do Paraíba torna-se um eixo de circulação entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais nos períodos de desbravamento, de apresamento ao índio, e no ciclo do ouro. Isso devido ao fato de sua localização geográfica privilegiada, considerando a região como passagem obrigatória de bandeirantes que partiam de São Paulo, Taubaté ou de outros lugares em busca do ouro.

É durante este período que o Vale do Paraíba se tornava uma região fornecedora. De Taubaté saiam frequentemente os gêneros de primeira necessidade, tais como a farinha de mandioca e de milho, a rapadura, o fubá, o feijão, sendo levados até Minas pelas tropas de mulas.

Entre meados do séc. XVIII e XIX houve um colapso na produção aurífera em Minas Gerais, tendo como consequência um significativo declínio da produção. Após isso, a produção de subsistência voltou à carga nas lavouras de cana-de-açúcar e obteve destaque, com a produção dos derivados da cana: açúcar, rapadura, melado e aguardente.

⁵ Id. 1, p.13.

O comércio voltou a ser realizado entre as vilas do Vale do Paraíba, a área litorânea, incluindo São Paulo e Rio de Janeiro. Como consequência, as vilas localizadas no Vale do Paraíba foram ganhando características urbanas, com vínculo à produção açucareira, surgindo a natural necessidade da implantação de tropas de muares para o transporte do açúcar do interior para as áreas litorâneas. Em meio a este contexto surgem os Senhores de Engenho:

“A classe de grandes proprietários é um número reduzido. É bem verdade que a atividade açucareira teve um ciclo de pequena duração (...), porém proporcionou melhoria de condições de vida e, embora em menor grau, o que se observou tão nitidamente no Nordeste: a organização de uma sociedade escravocrata, de casa grande e senzala ...” (COELHO, 1984: p. 24)

De acordo com Andrade (1996)⁶, a produção de cana-de-açúcar, por volta de 1825, sofre uma queda em todo Vale do Paraíba, cedendo lugar para um novo produto agrícola, o café, que fora introduzido no local ainda no séc. XVIII, sendo que alguns registros afirmam que a cana-de-açúcar, ainda era o produto com maior valor comercial.

2.3 O Desenvolvimento da Cafeicultura

O café possui suas origens vindas da Etiópia, e no séc. XIX se tornou a principal fonte de riqueza econômica no Brasil, ganhando destaque como o produto mais exportado devido ao fato de que tomar café era um hábito frequente na Europa.

Os pioneiros na produção de café foram os descendentes dos portugueses que vieram em busca do ouro e que, na sua vez, devido à calamidade na produção aurífera, se deslocaram para o Rio de Janeiro e decidiram investir no produto.

O ponto de partida para as fazendas de café foi a região da Baixada Fluminense e, depois, com o passar do tempo, foram se disseminando pelo Vale do Paraíba e pela Serra do Mar. Com a palavra, Muller: “*Acompanhando o caminho novo, aberto de Vila de Nossa Senhora da Piedade de Lorena até a cidade do Rio de Janeiro, o café chegava ao município de Santa Anna de Areias.*” (MULLER, 1969, p. 213)

A pertinente exegese de Motta Sobrinho:

“Da cor atraente das esmeraldas, produzia frutos de rubi. Em 1817, D. João VI, ainda residindo na Corte de São Sebastião do Rio de Janeiro, recebeu de sua outra colônia, Moçambique, tantas sementes da rubiácea, que as distribuiu aos pacotes,

⁶ ANDRADE, A. C de A & ABREU, M. M. de **História de Taubaté através dos textos**. Nº 17 Taubateana, Prefeitura Municipal de Taubaté. 1996. p. 77.

entre proprietários de terras. Com o real incentivo do monarca português, as experiências já aprovadas se vão repetindo, das chácaras da Tijuca e Corcovado, no Rio aos sítios da baixada fluminense, de onde os cafeeiros marcharão sobre o vale do Paraíba, para sua arrancada civilizadora. Em pouco tempo, só o café produzido, nessa região, será superior às quantidades provenientes do resto do mundo cafeeiro.” (MOTTA SOBRINHO, 1978, p. 11)⁷

O plantio do café, de acordo com Motta Sobrinho (1978), teria chegado primeiro ao Vale Fluminense e, logo em seguida, ao Vale do Paraíba, fato este que ocorreria imediatamente após o esgotamento do ouro das Minas. Apesar de a planta ter chegado ao Brasil no século XVIII, foi apenas no centenário seguinte que teve início o ciclo da economia cafeeira. Segundo Marquese (2010),⁸ durante o ciclo do ouro a Coroa portuguesa impedia a ocupação de diversas áreas das províncias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo para evitar o contrabando do ouro. No entanto, essa situação foi revertida com o ciclo do café. Em meados do século XIX:

“O amplo arco territorial que abrangia do município de Guaratinguetá (SP) ao de Cantagalo (RJ) fora convertido na zona econômica mais dinâmica do Império do Brasil; sua população escravizada, composta majoritariamente por africanos recentemente importados pelo tráfico negreiro transatlântico (ilegal desde 1831), tornara-se responsável pela produção de metade da oferta mundial de café [...] para Vassouras (RJ) e Bananal (SP), [...] Nesses dois municípios, os senhores donos de mais de 50 escravos, que perfaziam cerca de 20% do conjunto dos proprietários escravistas, detinham mais de 70% dos trabalhadores escravizados.” (MARQUESE, 2010, p. 84)

O ciclo do café apresentou uma característica semelhante ao ciclo do ouro, qual seja, a ilusão de riqueza imediata. Motta Sobrinho (1978)⁹ afirma que “*para manter-se na linha de lucros crescentes, faltava o capital, e sem os meios, só os poderosos resistiam. [...] A maioria experimentava ilusória aparência, para, da queda, não se recuperar mais*”. (MOTA SOBRINHO, 1978, p. 25)

Em meados do séc. XIX, com o crescimento econômico proporcionado pelo café, ocorreu no território do Vale do Paraíba uma profunda mudança. Pode-se apontar, entre outras, o alto crescimento populacional provocado pela crise aurífera em Minas Gerais, derivando daí a ocorrência de um significativo fluxo de pessoas que se deslocavam de Minas para a região do Vale do Paraíba, além da população advinda do litoral, da área fluminense, Ilhéus, entre outros.¹⁰

Notável alteração foi o processo de urbanização no Vale, iniciado quando o café começou a se expandir pelo Vale Médio do Paraíba. Quando o enriquecimento originado pelo café se encontrou com a vida urbana, teve como novos povoados que surgiram na região com

⁷ MOTTA SOBRINHO, A. A civilização do café: 1820-1920. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1978. p 11.

⁸ MARQUESE, R. B. O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 18, n.1, p. 83-128, jan./jul. 2010. p 84.

⁹ MOTTA SOBRINHO, A. A civilização do café: 1820-1920. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1978. p. 25.

¹⁰ Id. 2, p. 30

muita rapidez, e que logo chegaram à categoria de Vila. No final do séc. XIX todos os municípios foram considerados cidades.

Não demorou muito para que, além da região Norte do Vale do Paraíba, o café começasse a se espalhar por outras áreas. Soto (2000)¹¹ a nos apoiar:

“À medida que o cultivo de café se transferia desde o Norte para o Vale Médio, ele se alterava, com sua tendência a ocupar toda a área disponível, o padrão até então dominante, que priorizava o cultivo de pequena parte da superfície. Ao mesmo tempo, o tipo de exploração hegemônica durante o período cafeeiro supunha uma continuação de práticas predatórias anteriores: dada a abundância de terra virgem, ao invés de explorarem intensivamente o solo, com um tratamento dirigido a uma utilização prolongada, os fazendeiros selecionaram mais ricos para posteriormente abandona-los, [...]” (SOTO. 2000, p 25)

A produção de café na província de São Paulo se intensificou a partir de 1850, assim como afirma Sérgio Buarque de Holanda (1975)¹²:

“A província de São Paulo, que até 1850 era uma das maiores produtoras de açúcar, abandonou, de então pra cá, em grande parte, a cultura da cana para ampliar-se em maior escala à plantação de café, e tão rápido tem marchado esta espécie de cultura, que hoje esta província produz tanto café como a de Minas Gerais, quando ainda em 1850, sua exportação não excedia de 150 mil arrobas.” (HOLLANDA. 1975, p 74)

Para a operacionalização das fazendas cafeeiras, entretanto, era necessária uma vultosa quantidade de mão de obra, daí o incremento dos efetivos de escravos na região. No fim do séc. XVIII o tráfico de escravos estava estabilizado, mas esse quadro se alterou com a vinda das lavouras cafeeiras, intensificando a vinda de escravos negros para as fazendas. Cerca de quarenta mil escravos foram trazidos para o Brasil entre os anos de 1840 e 1850. Em 1848 passaram pelo porto do Rio de Janeiro aproximadamente sessenta mil escravos.

Nas fazendas de café, para se estabelecer a relação de trabalho, era necessário que houvesse em sua composição o proprietário e a mão-de-obra escrava. Maria Cristina Soto (2000)¹³ assim expõe:

“A opção pelo braço escravo supunha uma continuidade com o regime anterior, entretanto a exploração de novos solos, como advento do café, gerou um aumento da demanda de cativos que se manteve constante durante todo o período, conflitando com as oscilações do tráfico.” (SOTO. 2000, p. 24)

A insistência pela mão-de-obra escrava ganhava força devido a uma série de fatores. Com a palavra, Soto¹⁴: “*Essa persistência era alimentada pelo alto índice de mortalidade*

¹¹ SOTO, M. C. M. **Pobreza e Conflito: Taubaté 1860 – 1935**. São Paulo. Ed. Annablume, 2000. p 25.

¹² HOLLANDA, S. B. **Vale do Paraíba: Velhas Fazendas**. São Paulo. Ed. José Olympio, 1975, p. 74.

¹³ SOTO, M. C. M. **Pobreza e Conflito: Taubaté 1860 – 1935**. São Paulo. Ed. Annablume, 2000. p. 24.

infantil, o envelhecimento precoce dos sobreviventes, a baixa média da esperança de vida e a deficiente reprodução da mão-de-obra.” (SOTO, 2000, p. 24)

Desde 1831 havia no Brasil uma lei que proibia o tráfico negreiro. Entretanto a escravidão se tornou um meio extremamente lucrativo para os senhores do café. Em 1845, a Inglaterra criou a lei de Bill Alberdeen, permitindo aos comandantes de seus navios a perseguição aos traficantes até em terras de outras nações.¹⁵

Apesar da intensa pressão inglesa para a abolição da escravidão e o advento da Euzébio de Queirós e da Nabuco de Araújo, nem por isso o tráfico cessou entre as províncias. As regiões mais pobres, ou os engenhos de açúcar que não obtinham mais potência econômica, vendiam os escravos para as regiões ricas e cafeeiras, inclusive no Vale do Paraíba.

No início da década de 1880 a economia escravista apresentava sinais de queda, e esse declínio se deu por causa do alto preço a que chegavam os escravos, a baixa expectativa de vida, um elevado índice de mortalidade infantil e as frequentes fugas, que deixam os barões do café preocupados com possíveis revoltas escravas, além do natural prejuízo. Soma-se ao quadro a campanha abolicionista, que se toma corpo no país.

Para suprir a mão-de-obra escrava, e com o pretexto de que necessitava “embranquecer” a população brasileira, a imigração estrangeira passou a trabalhar nas fazendas cafeeiras após a abolição da escravidão. A população valeparaibana cresceu em alta escala, e imigrantes europeus vindos de Portugal, Itália, e Espanha chegavam para trabalhar nas fazendas.

A prosperidade econômica e o crescimento demográfico proporcionado pelo café, a partir do séc. XIX entram em declínio devido a associação de alguns fatores: o esgotamento dos solos, produzido pelo tipo de prática agrícola comum na época (agricultura itinerante), e a inexistência de técnicas modernas para o cultivo, que acabaram provocando forte erosão nas áreas produtoras, em particular o Oeste Paulista;¹⁶ A imigração de boa parte da população do Vale do Paraíba Paulista para essas novas áreas concorrentes;¹⁷ Também a falta de mão-de-obra escrava e a desvalorização do café, com a queda da bolsa de Nova Iorque em 1929.

Cidades do Vale do Paraíba não progrediram, e logo entram em uma decadência econômica causada pela queda de exportação e produção cafeeira. O escritor Monteiro Lobato tratou este assunto em sua obra “Cidades Mortas” (1923), “*Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente, tudo pretérito*”. (LOBATO, 1923: 03).¹⁸

¹⁴ SOTO, M. C. M. **Pobreza e Conflito: Taubaté 1860 – 1935**. São Paulo. Ed. Annablume, 2000. p. 24

¹⁵ Id. 7, p. 15

¹⁶ COELHO, L. C. de M. **Ensaio Socioeconômico de Áreas Valeparaibanas**. Rio de Janeiro: Asa Artes Gráficas. 1984. p. 39

¹⁷ SOVRINHO, A.M **A civilização do café**. São Paulo: 1978. p. 15

¹⁸ LOBATO, J. B. M. **Cidades Mortas**. 4 ed. São Paulo: Monteiro Lobato e CIA. 1923. p. 03

Novamente o Vale do Paraíba teve que procurar novas formas para a produção econômica, assim como ocorreu no final do séc. XVIII após o declínio aurífero.

De acordo com Baptista (1941)¹⁹, nas áreas rurais valeparaibanas houve a substituição dos cafezais pelas pastagens e criação de gado, uma das principais causas do despovoamento rural da região. A agricultura se diversificou: arroz nas várzeas inundáveis, cana-de-açúcar, citricultura, milho, mandioca, feijão e até mesmo hortaliças.

Nas cidades desenvolveram-se as atividades comerciais e as primeiras indústrias, ainda nas últimas décadas do séc. XIX, reflexo de um processo que se instalava no Brasil mais especificamente no Estado de São Paulo.²⁰

¹⁹ BAPTISTA. C.D. **Aspectos do Vale do Paraíba e do seu Reerguimento Iniciado pelo governo de Adhemar de Barros**. Campinas: Ed. Secretaria de Agricultura, Industria e Comércio, Instituto Agrônômico do Estado de São Paulo. 1941. p. 14
²⁰ Id. 1,p . 157

2. REGIÃO DAS VÁRZEAS DO RIO PARAÍBA DO SUL

2.1 GEOGRAFIAS, HISTÓRIA E ECONOMIA DO RIO PARAÍBA DO SUL.

O Rio Paraíba do Sul é constituído pelo Rio Paraíba e seus afluentes. Apresenta uma área de 57.000 km² que se estendem entre três estados: Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, ocupando um lugar privilegiado.

A nascente do Rio Paraíba do Sul é localizada na Serra da Bocaina, com a nomenclatura de Rio Paraitinga, no município de Cunha. Passa a se chamar Paraíba do Sul depois que percorre 200 km, para então receber as águas do Rio Paraíbauna.

Após iniciar o seu trajeto, o rio muda de direção para Nordeste e começa a sair da região serrana cristalina para se penetrar na planície sedimentar entre as Serras do Mar e da Mantiqueira. Essa área é a divisa entre o estado de Minas Gerais e o estado do Rio de Janeiro em determinadas partes do trajeto. Na sua foz, ele deságua no Oceano Atlântico com foz em forma de delta.²¹

O percurso do rio é repartido em quatro partes: tem o curso superior, que se estende da nascente até Guararema, o curso médio superior, de Guararema até Cachoeira Paulista, o curso médio inferior, de Cachoeira Paulista até Itaocara (Rio de Janeiro), e o curso inferior, que começa em Itaocara e vai até a foz no município de Atafona (Rio de Janeiro).²²

O regime do Rio Paraíba do Sul é pluvial, qual seja, necessita das águas da chuva para manter seu volume. Durante o verão, período de chuvas, conhecido como período das cheias, com enchentes em determinados municípios como Jacareí e Lorena, e no inverno, é período nomeado de período da vazante.

Os principais afluentes formadores do Rio Paraíba são: No Vale Paraíba Paulista, os Rios Paraitinga, Paraíbauna, Buquira, Jaguari, Una e Piraciana; no Vale Mineiro Rios Paraíbauna (mineiro), Pomba e Muriaré; No Vale Fluminense são os Rios Piabanha, Dois Rios e Piraí.

Assim como qualquer rio que percorre planícies aluviais, o Rio Paraíba do Sul passa por áreas de várzea, formando curvas que estão sempre se alterando em função da resistência oferecida pelo terreno. Quando as curvas se unem, possibilitam que o rio as abandone para formar os braços mortos espalhados pela área da várzea.

²¹ Id. 1, p. 65

²² MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. *Anuário Fluviométrico*. N°04

Ao decorrer das várzeas o rio encontra declínio com média de 19 cm/km, o que indica que o Paraíba tem sua secção de vazão limitada por trechos de taludes baixos (12 cm/km). Tal fator é estabelecido devido à pouca velocidade das águas, como consequência da sua declividade, deixando o rio incapaz de escoar as águas volumosas da estação de cheias, que quando transbordam inundam as várzeas.

Para estabelecer o equilíbrio que deve existir entre os elementos essenciais para a vida vegetal do local torna-se essencial drená-las e protegê-las de inundações, livrando dessa forma que o solo fique constantemente úmido, para maior rendimento da produção agrícola. As inundações constantes e irregulares no local provocam algumas consequências, como, a impossibilidade de desenvolvimento normal do sistema radicular da maioria das plantas.

De acordo com Baptista (1941)²³, em relação aos solos inundáveis do Rio Paraíba, pode-se chegar às seguintes conclusões: a principal causa das deficiências agrícolas que as várzeas apresentam é, em última instância, a falta de controle sobre as águas. Obter o controle das águas e das inundações é primordial para a correção das deficiências.

Segundo Pardo Abreu (1995)²⁴, o Rio Paraíba do Sul foi a primeira via de comunicação e de transporte, via natural que contribui decisivamente para o povoamento, colonização e desenvolvimento socioeconômico da região do Vale do Paraíba.

Assim como o Tietê, as águas barrentas do Paraíba do Sul desempenham importante papel na história de São Paulo. Seu vale foi o primeiro a ser atingido pelas “ondas verdes” de cafezais, que tanta riqueza trouxeram ao estado, implantando nova estrutura social. (ANTUNES, [S.d.]: 84)²⁵

O Rio Paraíba do Sul fornece água para o abastecimento de várias cidades, como São José dos Campos Caçapava, Jacareí, Rio de Janeiro e outras. Além de abastecer cidades, também abastece consideráveis hidrelétricas.

²³ Id. 18. p 27

²⁴ Id. 1, p 65

²⁵ ANTUNES, C. **Geografia de São Paulo**. 4 ed. São Paulo: Ed. Do Brasil S/A. [S.d.] p 84

2.2 HISTÓRIAS SOBRE A OCUPAÇÃO TERRITORIAL DA VÁRZEA

De acordo com Alves Motta Sobrinho (1978)²⁶, João Ramalho foi um dos primeiros sertanistas a desbravar o Vale do Paraíba. Era um bandeirante que estava em busca de metais preciosos e ao apresamento de indígenas.

Quando Ramalho estava na busca dos Guaianases, começou o processo de miscigenação ao se deparar com nativas da região. Tal processo começou a se espalhar por todo território, forçando indígenas a recuarem para a Serra da Mantiqueira para se protegerem do “homem branco”. À medida em que os indígenas foram fugindo, surgiam então as regiões que, mais tarde, seriam os municípios de Aparecida e Lorena.

Quando encontraram ouro em Minas, alguns foram se tornando sedentários pelos arraiais que foram se formando pelo caminho utilizado pelos tropeiros da região.

O homem branco passou a se estabelecer no sertão do Vale do Paraíba, formando as primeiras aldeias e vilas. Iniciam-se os núcleos “urbanos”, entre eles, Taubaté, Jacareí e Guaratinguetá, sendo o essencial para a ligação do litoral com o Vale do Paraíba.

Alves Motta Sobrinho (1978)²⁷ acrescenta que essas vilas eram oriundas de provisões outorgadas pelo capitão-mor de Itanhaém e confirmadas pela donatária, a Condessa de Vimeiro, através de seu procurador. Os bandeirantes foram responsáveis por fundar, e os moradores responsáveis por explorar a área.

Os esforços povoadores se fazem através de muitas concessões, e não raro até religiosos entram com seu contingente, em nome das fraquezas humanas. A mestiçagem com o elemento índio, no começo era uma contingência. A família branca reduzia por força das próprias condições de vida, vegetava em torno de seu fogo, até que se lhe vem juntar o negro africano, pela necessidade de braço escravo para a cultura de cana-de-açúcar, e mais tarde para o milagre do café. (ALVES, 1978: 20)²⁸

A colonização e o desenvolvimento no Vale do Paraíba se deram efetivamente com a vinda do café para a região. De acordo com Alves Motta Sobrinho:

Coube ao brasileiro Melo Palheta o mérito de transportar da Guiana Francesa, para a nossa terra, as primeiras sementes do cafeeiro. Plantou-se em Belém do Pará no ano de 1722... De mão em mão, as sementes partiram para a província do Maranhão... na década de 1770. O Dr. J. Gualberto Castelo Branco... em 1774, na cidade do Rio de Janeiro, trouxe duas mudas de café que, aqui no Sul cresceram e floresceram... Em 1817, Dr. João VI... recebem de sua colônia, Moçambique, tantas sementes... que distribuiu aos pacotes, entre os proprietários de terras. Com o real incentivo do

²⁶ Id. 15, p 15

²⁷ Id. 15, p. 26-27

²⁸ Id. 15, p. 26-27

monarca português, as experiências já aprovadas aos sítios da Baixada Fluminense, de onde os cafeeiros marcharam sobre o Vale do Paraíba, para sua arrancada civilizadora. Em pouco tempo, o café produzido nessa região será superior às quantidades provenientes do resto do mundo cafeeiro... Fará a riqueza de São Paulo, enriquecendo e fazendo progredir o Brasil. (SOBRINHO, 1978: 26-27)²⁹

Devido à formação geológica e topográfica, a região da várzea é considerada de grande fertilidade e viabilizou a produção cafeeira do séc. XIX e, posteriormente, a rizicultura no séc. XX. Conforme a produção de café crescia, crescia consigo a ocupação da região das várzeas.

Com a cultura cafeeira, foram implementadas na região da várzea as Colônias Agrícolas, as quais geraram o processo de imigração para o local, tendo como consequência a urbanização na região.

Das colônias agrícolas implementadas podemos destacar a de Piaguh, em Guaratinguetá, e a de Quiririm, em Taubaté, pois contribuíram para o abastecimento agrícola da região³⁰. Sendo que a de Quiririm, atualmente subdistrito de Taubaté, possui ainda hoje produtores de várzea, como é o caso da família Canaveze, rizicultora. Conosco, Guisard: *“Com a chegada dos imigrantes italianos, que em grande número foram localizados em nosso município, uma nova era abriu-se para a lavoura de Taubaté e região.”* (GUISARD, 1939, p. 11).³¹

De acordo com MARCODES (1981)³², essas colônias dividiram-se em particulares e oficiais. Em relação às particulares, os colonos adotaram inicialmente o sistema de parceria e de trabalho assalariado. Nas oficiais, os que vieram receberam um lote de terra pra cultivar.

Em geral pode-se dissertar que as colônias agrícolas foram ocupadas por imigrantes europeus, fortaleceram a produtividade agrícola da região, dedicando-se em cultivos de outros produtos agrícolas, como o arroz, feijão e milho.

Dentre todas as produções que foram realizadas na região das várzeas, apenas uma, exclusivamente, poderia prosperar: devido ao solo e ao clima de chuvas, o arroz, pois era o único produto que se via melhor ao meio devido às suas características de planta hidrófila.

Como o Vale do Paraíba se tornou totalmente dependente do café, com a sua crise, o local sofreu graves problemas. Mas foi com a pecuária de corte e a rizicultura que o Médio do Vale do Paraíba sobreviveu à crise.

²⁹ Id. 15, p. 26-27

³⁰ MARCONDES, J.V. de F. **As colônias agrícolas e os Italianos no Vale do Paraíba: Problemas Brasileiros**. São Paulo, 1981, p. 40

³¹ GUIARD, O. B. **Taubaté no a florar do século**. São Paulo: Gagy e Filhos, Artes Gráficas. 1981, p. 11

³² Id. 32, p. 46

Com a crise cafeeira vários municípios do Vale passaram a se dedicar à pecuária, embora ela tenha existido juntamente com a produção de café; é justamente neste período que ela ganha destaque, pois surgiram cooperativas e produção de laticínios.

Juntamente com a pecuária, outra cultura que ganhou grande destaque foi a da rizicultura, pois o arroz é um dos principais componentes da alimentação brasileira.

3. RIZICULTURA NO VALE DO PARAÍBA

3.1 EFETIVAÇÕES DA RIZICULTURA NO VALE DO PARAÍBA

A queda da produção de café no Vale do Paraíba teve seu início ainda no séc. XIX, e a consequência da queda derivou de vários fatores, como a implementação da mão-de-obra estrangeira, a construção das estradas de ferro, a exaustão do solo, o desenvolvimento industrial, entre outros. Com a queda da produção cafeeira a população rural foi obrigada a procurar atividades alternativas ao café, e a rizicultura foi uma delas.

A partir de 1920 o arroz se transformou em um dos principais produtos agrícolas do Vale do Paraíba. De acordo com Pasin (1977)³³, seu cultivo na região do Vale do Paraíba foi iniciado pelos frades Trapistas, de origem francesa, estabelecidos em terras localizadas na atual cidade de Tremembé entre os anos de 1904 a 1930, onde fundaram o convento da Trapa.

Inúmeros depoimentos foram retirados de estudiosos econômicos do Vale do Paraíba, que fazem referência à presença dos padres trapistas no território de Tremembé, como a Societá 30 Di Aprile:

Quiririm teve dois ciclos econômicos distintos: o da lavoura e o industrial. A região fazia parte de um grande alagadiço que se estendia de Jacareí até Cachoeira Paulista e que foi drenado pelo imigrante italiano a exemplo dos padres Trapistas, que praticavam a rizicultura na região próxima a Tremembé, facilitando a agricultura e o cultivo já mencionado. (SOCIETÁ 30 DI APRILE, 1997: 28 – 29)³⁴

Os Trapistas conquistaram considerável influência no local devido as novas técnicas de produção e de cultivo de arroz. Entretanto, a região já produzia arroz antes dos religiosos chegarem. A colônia de Quiririm, ainda em 1892, produziu 75 hectolitros de arroz, e em 1896 os de Piaguhy produziu 3750 litros.³⁵

As plantações de arroz predominaram nas várzeas; entretanto, ficaram suscetíveis às enchentes periódicas do Rio Paraíba. Devido a esse fator, muitos agricultores abandonaram a produção de arroz e migraram para a agropecuária, tanto leiteira quando de corte, que, a partir de 1920, superou a rizicultura. As várzeas se tornaram um local para a atividade pecuarista, pois o gado se alimentava da “soca” misturada a outras ervas que brotavam no local.

Boa parte da população ribeirinha foi ocupando a região das várzeas como um apoio à pecuária, encontrando uma forma de sobrevivência face a estagnação econômica após a queda do café.

³³ PASIN, J. L. **Algumas histórias para a História do Vale do Paraíba**. Conselho Estadual da Cultura – Secretaria de Cultura, Ciências e Tecnologia, Governo do Estado de São Paulo. 1977

³⁴ SOCIETÁ 30 DI APRILE. **Quiririm – Presença e história italiana**. Taubaté: Ed. Vogal. 1977, p. 28 – 29

³⁵ MARCONDES, J. V. de F. **As colônias Agrícolas e os Italianos no Vale do Paraíba**: Problemas Brasileiros. São Paulo. 1981, p. 44 – 47

Segundo Baptista (1941)³⁶, a situação econômica do Vale do Paraíba pós queda do café superou as dificuldades a partir do surto industrial que atingiu a região entre as décadas de 1960 e 1970, o qual proporcionou crescimento econômico sustentado até os dias de hoje.

A partir de 1960 a agricultura nas várzeas passou a ser intensificada, pois nesse período várias obras foram iniciadas para combater as enchentes. Durante o governo de Adhemar de Barros foi observada a existência de investimentos em obras que visavam tornar as áreas das várzeas do Vale do Paraíba mais propícias e produtivas à agricultura.

Para desenvolverem técnicas voltadas para a rizicultura, agrônomos brasileiros buscaram a ajuda de técnicos chineses. No ano inicial a produção superou a média, pois nesse período era de se esperar que o Vale do Paraíba se tornasse uma das regiões com maior rendimento agrícola do Brasil.³⁷

Foram implantados, então, em meados do séc. XX, os “POLDERS”, que nada mais eram do que a construção de diques marginais que visavam o controle de sedimentos, controle de poluição, caça, pesca e abastecimento. O objetivo era atingir de Cachoeira Paulista até Jacareí, mas as obras foram estagnadas em Taubaté, no limite com Caçapava; o motivo foi a falta de uma política agrária que desse prosseguimento à agricultura de várzea. De acordo com relatórios do DAEE³⁸, apesar de muitos produtores terem abandonado suas terras buscando atividades que proporcionassem maior renda, depois da implantação das obras pelos serviços do Vale do Paraíba, ocorreu um boom ordenado, principalmente voltado para a rizicultura a partir de 1962.

Alguns agricultores particulares decidiram então realizar investimentos próprios em trabalhos de sistematização nas várzeas da região; o objetivo era para garantir maior produtividade. Investiram capital, tecnologia e conhecimento nas atividades agrícolas.

Em todo o território do Vale do Paraíba, a região que teve mais diversificação e destaque agrícola foi a do Médio Vale. Em meados do século XX a rizicultura destacou-se com relevância nesta região e na região das várzeas. Em 1960, apesar da queda, de acordo com a CODIVAP³⁹, de 38 para 21,8 % em relação à participação na produção agrícola, o arroz continuava obtendo destaque em toda a região da várzea e do Médio do Paraíba, mas teve concorrência com as importações de arroz do Rio Grande do Sul e mesmo do Vietnã. Como consequência da importação, o mercado paulista consumia apenas 7% da produção do Vale do Paraíba.

Devido a esta situação, produtores são levados a cultivar outros produtos que dão suporte à pecuária, bem como arrendamento de terras para empresas mineradoras de areia, e com isso a cultura do arroz diminui na região.

³⁶ BAPTISTA, C. D. **Aspectos do Vale do Paraíba e do seu Reerguimento Iniciado no Governo Adhemar de Barros**. Taubaté: Ed. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Instituto Agrônomo do Estado de São Paulo em Campinas (Reedição), 1941

³⁷ Revista Águas e Energia Elétrica de São Paulo. Ano 2, nº5. janeiro, fevereiro, março / 1967

³⁸ DAEE – Departamento de Água e Energia Elétrica. **Informação técnica fornecida pelo sistema de drenagem e irrigação das várzeas do Rio Paraíba do Sul**. Taubaté 1997

³⁹ CODIVAP. **Caracterização do conhecimento do Vale do Paraíba**. p. 221

3.2 A PRODUÇÃO DE ARROZ NA FAZENDA MARIOTTO (QUIRIRIM)

As fazendas Independência e Cacheté fazem parte da sociedade PRA Mariotto. Elas se localizam no Médio Vale, apenas poucos quilômetros do centro de Taubaté.

Sua área é de 605 hectares, sendo 90 % da extensão constituída por várzea. Nos dias atuais, esta região se tornou totalmente cultivável devido às novas técnicas de cultivo do arroz. Os Mariotto investiram em conhecimento, capital próprio e tecnologia para manter a alta produção nas fazendas, e, por meio deste investimento, provaram que a agricultura na região da várzea pode ser viável.

O Rio Paraíba do Sul possui um papel intrínseco na agricultura, digno de merecer ênfase na atividade de irrigação, o que favorece o cultivo de arroz.

... o rio desempenha importante papel na atividade agrícola regional. Ao longo deste vigoroso rio com férteis várzeas destaca-se a rizicultura. O rio é de grande importância para a irrigação e suas várzeas são recortadas por canais de irrigação. (ANTUNES, [S. d.]: 84)

Há quase 60 anos, a fazenda Mariotto sobrevive da agricultura, e a rizicultura é a mais importante e principal entre os demais cultivos no local. Esse fato se dá pela região em que a fazenda se localiza, na qual o solo é propício para o plantio. O aumento populacional e o crescimento urbano fizeram com que o limite existente entre a zona rural e a urbana do município fosse se aproximando tão acentuadamente a ponto de se confundirem nos limites da propriedade.⁴⁰

O aumento da poluição do Córrego do Judeu, que divide a fazenda, influenciou para estabelecer mudanças na agricultura há cerca de 10 anos. A água do córrego utilizada nas plantações de arroz, e os problemas vinculados à poluição acabaram por prejudicar a produção.⁴¹

A canalização do córrego foi estabelecida em linha direta, chegando até ao Rio Paraíba. Com isso, o esgoto foi todo lançado ao rio, e, devido a isso, a fazenda não utiliza mais sua água, optando por utilizar na fazenda o recurso pluvial.

Outra característica muito importante do solo da região da várzea é a fertilidade, pois é composto de 16 % a 18 % de matéria orgânica pura. Por motivo das transformações do território, houve uma redução bastante considerável deste percentual.

Para realizar o cultivo do arroz, é necessário que o solo fique inundado durante seis meses, no verão, e seco por seis meses no inverno. Com isso, a radiação solar entra em contato direto com a matéria orgânica, provocando sua decomposição.

⁴⁰ Revista Balde Brando – 04/93, n° 342. São Paulo. p. 16

⁴¹ Id. 1, p. 80

A solução encontrada para a retomada da produção de arroz foi o plantio direto. Por não utilizar a aração nem o gradeamento, mantém o solo em estado natural. Quando se retira um cultivo, é plantado outro, permanecendo a palhada, que irá servir de proteção para os raios solares. Dessa maneira, os microrganismos essenciais para o solo vão retornando gradualmente. No começo utiliza-se adubo, mas com o decorrer do tempo o mesmo é deixado de lado.

Neste processo têm-se setores diferenciados: o primário, secundário e o terciário, nos quais, além da drenagem, é necessário empregar a terraplanagem para preparar cada um dos setores. Dessa forma, a saída encontrada foi aderir a novas culturas, passando para as culturas que necessitam de mais irrigação, tais como milho e soja, que se encontram ativos no mercado.

Conclusão

Durante o processo de construção da monografia pode-se constatar que o desenvolvimento econômico do Vale do Paraíba esteve focado exclusivamente na produção agrícola, a qual, até a atualidade, possui certa relevância para a economia da região.

Cada período abordado no trabalho, as culturas agrícolas atendiam as necessidades, o que motivou a alternância durante o tempo.

Com a queda do café, a solução que os produtores da região encontraram foi transformar o terreno, como próprio investimento, para a implementação de outras atividades agrícolas. No caso as que foram implementadas, foi a rizicultura e a pecuária de corte. Desde 1920, a rizicultura se tornou a principal atividade agrícola da região.

A partir de 1960, passaram a se desenvolver investimentos e obras para a solidificação da agricultura na região da várzea, a consequência dessa ação foi o aumento na produção de arroz a partir de 1962. É justamente nesse período que produtores particulares começam a investir ainda mais em novas técnicas para o aumento da produtividade, destacando-se as fazendas Mariotto.

Conclui-se que, o objetivo do trabalho foi atingido, e foi estabelecido todo o processo para a compreensão de como a rizicultura ganhou espaço na região do Vale do Paraíba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. **Geografia de São Paulo**. 4 ed. São Paulo: Ed. Do Brasil S/A.

BAPTISTA, C.D. **Aspectos do Vale do Paraíba e do seu Reerguimento Iniciado pelo governo de Adhemar de Barros**. Campinas: Ed. Secretaria de Agricultura, Industria e Comércio, Instituto Agrônômico do Estado de São Paulo. 1941.

CENTRO DE RECURSOS EDUCACIONAIS – OBJETIVO. **Cadernos Culturais do Vale do Paraíba. Lorena nos séculos XVII e XVIII**. [S.l.] Editora Fundação Nacional do Tropeirismo. 1988.

CODIVAP. Caracterização do conhecimento do Vale do Paraíba. P 221

COELHO, L. C. de M. **Ensaio Socioeconômico de Áreas Valeparaibanas**. Rio de Janeiro: Asa Artes Gráficas. 1984.

CENTRO DE RECURSOS EDUCACIONAIS – OBJETIVO. **Cadernos Culturais do Vale do Paraíba. Lorena nos séculos XVII e XVIII**. [S.l.] Editora Fundação Nacional do Tropeirismo. 1988.

DAEE – Departamento de Água e Energia Elétrica. **Informação técnica fornecida pelo sistema de drenagem e irrigação das várzeas do Rio Paraíba do Sul**. Taubaté 1997

GUISARD, O. B. **Taubaté no aflorar do século**. São Paulo: Gagy e Filhos, Artes Gráficas. 1981,

HOLLANDA, S. B. **Vale do Paraíba: Velhas Fazendas**. São Paulo. Ed. José Olympio, 1975

LOBATO, J. B. M. **Cidades Mortas**. 4 ed. São Paulo: Monteiro Lobato e CIA. 1923.

MARCONDES, J.V. de F. **As colônias agrícolas e os Italianos no Vale do Paraíba: Problemas Brasileiros**. São Paulo. 1981,

MARQUESE, R. B. O Vale do Paraíba cafeeiro e o regime visual da segunda escravidão: o caso da fazenda Resgate. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 18, n.1, p. 83-128, jan./jul. 2010.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **Anuário Fluviométrico**. N°04

MOTTA SOBRINHO, A. A civilização do café: 1820-1920. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

MULLER, N. L. **O fato urbano na bacia do Rio Paraíba, Estado de São Paulo**. Rio de Janeiro: IBGE. 1969.

PASIN, J. L. **Algumas histórias para a História do Vale do Paraíba**. Conselho Estadual da Cultura – Secretaria de Cultura, Ciências e Tecnologia, Governo do Estado de São Paulo. 1977

PRADO J. B. & ABREU, M. M de **Aspectos Geográficos do Vale do Paraíba e Município de Taubaté**. N° 14 Taubateana, Prefeitura Municipal de Taubaté. 1995

Revista Águas e Energia Elétrica de São Paulo. Ano 2, n°5. janeiro, fevereiro, março / 1967

Revista Balde Brando – 04/93, n° 342. São Paulo

SOBRINHO. A.M **A civilização do café.** São Paulo: 1978.

SOCIETÁ 30 DI APRILE. **Quiririm – Presença e história italiana.** Taubaté: Ed. Vogal. 1977,

SOTO, M. C. M. **Pobreza e Conflito: Taubaté 1860 – 1935.** São Paulo. Ed. Annablume, 2000